



WELDER LANCIERI MARCHINI

# POR UMA IGREJA JOVEM

Roteiro de leitura para a  
Exortação pós-sinodal *Christus Vivit*



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Marchini, Welder Lancieri

Por uma Igreja jovem : roteiro de leitura para a Exortação pós-sinodal *Christus Vivit* / Welder Lancieri Marchini. – São Paulo: Paulinas, 2020.

136 p. (Ecos de Francisco)

Bibliografia

ISBN 978-85-356-4638-2

1. Exortações apostólicas (Cartas papais)- Francisco, Papa, 1936 – Juventude 2. Jovens cristãos 3. Pastoral - Juventude 4. Sinodos dos Bispos I. Título II. Série

20-2262

CDD 262.5

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Sinodos e Exortações : Igreja Católica : Jovens cristãos 262.5

Angélica Ilacqua – Bibliotecária – CRB-8/7057

1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e João Décio Passos*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Equipe Paulinas*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Projeto gráfico: *Manuel Rebelato Miramontes*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

# Sumário

Siglas e abreviações .....	7
Introdução .....	9
1. Jesus como ideal de vida .....	9
2. O que esta obra traz para você, leitor? .....	11
3. A quem este livro se destina? .....	11
4. Jovens com raízes .....	13
5. O jovem vocacionado .....	14
6. Eficiência e eficácia .....	15
7. “Não deixeis que vos roubem e alegria” .....	17
O processo sinodal .....	21
1. O que é um sínodo? .....	21
2. A sinodalidade .....	24
3. O processo de preparação do sínodo .....	27
4. Uma Igreja com os jovens e não para os jovens .....	44
5. Para que precisamos da Igreja? .....	54
6. O sínodo realizado em outubro de 2018 .....	55
7. O sínodo como processo .....	58
Partilha pastoral .....	60
A mensagem aos jovens e à pastoral juvenil .....	63
1. O jovem como participante da evangelização da Igreja .....	63
2. A Exortação <i>Christus Vivit</i> .....	64
3. Estrutura da exortação .....	65

4. Características da juventude atual.....	67
5. Jesus jovem é um exemplo para os jovens.....	74
6. As três verdades .....	76
7. Caminhos para a juventude e para a pastoral juvenil.....	80
8. O jovem como protagonista.....	82
9. Pastoral juvenil e família .....	87
10. Uma Igreja juvenil .....	88
11. Igreja acolhedora.....	88
12. Uma pastoral juvenil “em saída” .....	90
Partilha pastoral .....	93
A recepção .....	97
1. Anunciar o amor de Deus .....	97
2. Por uma Igreja empática.....	98
3. Interação com os jovens.....	100
4. Os jovens como sujeitos.....	102
5. Em busca da identidade cristã .....	103
6. Construindo o sujeito cristão e eclesial.....	104
7. Fundamento bíblico para o entendimento do sujeito eclesial .....	106
8. Transformando os jovens em sujeitos.....	109
9. Caminhos para a juventude .....	110
10. Ambientes de pastoral juvenil.....	117
11. Os problemas de uma pastoral juvenil de eventos .....	124
12. Estratégias de pastoral juvenil .....	124
Partilha pastoral .....	128
Conclusão: E o que fica do sínodo?.....	131
Bibliografia .....	133

## Siglas e abreviações

AL	<i>Amoris Laetitia</i>
ChV	<i>Christus Vivit</i>
Did	Didaqué
DF	Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
GeE	<i>Gaudete et Exultate</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IL	<i>Instrumentum Laboris</i> : os jovens, a fé e o discernimento vocacional
VG	<i>Veritatis Gaudium</i>



# Introdução

Cristo vive! Essa é a mensagem central da exortação escrita pelo Papa Francisco (ChV 1). Jesus, que é anunciado a cada vez que proclamamos o Evangelho nas celebrações e é vivenciado a cada Eucaristia celebrada, está vivo em nosso meio. É esse Jesus que quer aproximar-se de cada jovem e que ser mais vida para que também o jovem tenha vida e a tenha em abundância (cf. Jo 10,10).

O sínodo para a evangelização da juventude, realizado em outubro de 2018, resultou na exortação publicada pelo Papa Francisco em março de 2019 e que trata da relação que a Igreja deve estabelecer com os jovens. Contudo, muitos fatores envolvem essa relação. O jovem já não é o mesmo, a sociedade também mudou, a relação das pessoas com a religião, isso de forma geral, também já não é a mesma. Então, a pastoral juvenil não pode entender que, agindo da mesma forma, conseguirá alcançar resultados.

Outra questão que se impõe é pensar quais são os resultados que queremos alcançar. Francisco não apenas trata de como pode ser a pastoral juvenil – que aqui entendemos como toda e qualquer forma de trabalho com a juventude –, mas apresenta uma reflexão sobre o sentido que existe abraçarmos a fé cristã. A relação que estabelecemos com os jovens é consequência da experiência cristã que temos em nossas comunidades. Somos chamados por Francisco a criar espaços de empatia onde os jovens se sintam acolhidos.

## 1. Jesus como ideal de vida

Jesus não é apenas alguém que viveu no passado ou um mero exemplo de vida. Ele é mensagem viva, é o Evangelho de

Deus, a boa-nova anunciada e que se torna vigor não somente para a Igreja, mas para o jovem que, a exemplo do homem de Nazaré, pode assumir o ideal do Reino, que se torna vitalidade para a vida cotidiana.

Quando Jesus deixa de ser vivenciado, transforma-se em uma teoria vazia. A evangelização que não toma como critério a experiência de Jesus cai na doutrinação pela doutrinação. Não se trata aqui de desprezar a doutrina. Ela é a base teórica daquilo que a Igreja busca viver. Mas o caminho não pode ser invertido, e é a doutrina que serve à experiência cristã e não o contrário.

E como proporcionar ao jovem a experiência de Jesus que está vivo e quer vida? Essa é uma experiência querigmática que leva a um encontro com Jesus e ao compromisso com o Evangelho e com o Reino. O desafio não somente da pastoral juvenil, mas da comunidade cristã como um todo, é superar os formalismos da vivência comunitária que muitas vezes se ocupam mais da forma que do conteúdo, mais das regras que do sentido, mais das normas e costumes que da evangelização. Não se trata de abdicar das normas e das formalidades. Trata-se de dar ao Evangelho o valor e a centralidade que ele tem. Todo o resto torna-se, então, consequência.

O título de um documento da Igreja, seja ele uma exortação, uma encíclica, ou uma constituição dogmática, sinaliza sua intenção e a mensagem que quer transmitir para a Igreja. *Christus Vivit* diz justamente da historicidade do cristianismo. Não se trata de uma religião que se resume a teorias, teologia e doutrinas. Trata-se de um modelo de vida, de uma prática que pode ser assumida na história, seja ela no cotidiano da vida de cada jovem, seja nas comunidades eclesiais ou no modo como cada cristão se relaciona socialmente.



## 2. O que esta obra traz para você, leitor?

Este pequeno livro não quer reescrever a exortação escrita por Francisco. Queremos oferecer algumas chaves de leitura e informações sobre o sínodo e sobre a exortação. Elas não eliminam a necessidade da leitura do texto escrito pelo Papa, mas, sim, a contemplam.

Para entendermos a Exortação em seu contexto, é necessário que a relacionemos com as outras exortações e encíclicas escritas por Francisco. Para entendermos o sínodo, é necessário que tracemos o caminho desde os trabalhos preparatórios, passando por sua celebração até a publicação do *Documento final* e da Exortação *Christus Vivit*. E, para que possamos refletir sobre a recepção das ideias do Papa Francisco, ou seja, sobre as práticas paroquiais e comunitárias, é importante o diálogo das ideias apresentadas pelo sínodo e pela exortação com aquilo que a Igreja no Brasil tem pensado para a pastoral juvenil. A maioria das diretrizes está no *Diretório Nacional da Juventude*.

Somaremos essas ideias a outras experiências e ideias que colhemos e pensamos ao longo dos anos e alguns trabalhos da pastoral e de estudos teológicos. Mas queremos assumir aqui a mesma perspectiva do Papa Francisco, ao escrever a exortação: a prática cristã deve ser vivencial, pois Jesus não é uma teoria, mas uma proposta de vida.

## 3. A quem este livro se destina?

Este livro foi escrito pensando nos próprios jovens, de forma que possam entender sua missão como sujeitos eclesiais e sua caminhada como cristãos. Na maioria das vezes, são eles que organizam os trabalhos de evangelização realizados com os outros jovens. Também sabemos que esses jovens contam

com poucas estruturas a seu favor. Por isso, aqui queremos oferecer algumas pistas e reflexões.

Mas a obra também se destina àqueles que trabalham com a pastoral juvenil, sejam eles padres, seminaristas, religiosas ou membros dos conselhos comunitários e paroquiais. Assim como o Papa Francisco (cf. ChV 3), queremos aqui nos comunicar com os jovens, mas também com a Igreja, sobretudo com aqueles que estão envolvidos com a pastoral juvenil.

É importante deixarmos claro que o termo pastoral juvenil, que será utilizado aqui muitas vezes, se refere a qualquer iniciativa pastoral de trabalho com a juventude. Na pastoral juvenil, estão inseridos os grupos paroquiais, a pastoral da juventude, os grupos ligados à RCC, os grupos relacionados ao carisma de várias congregações religiosas, os grupos de pastoral escolar e tantos outros. Em nível das dioceses, a pastoral juvenil se organiza como setor juventude. Mas encontramos uma rica pluralidade de iniciativas de pastoral juvenil, seja em nível comunitário, paroquial ou mesmo em ambientes como colégios católicos e obras sociais.

Por muito tempo, os documentos da Igreja tinham linguagem inacessível, utilizando termos técnicos que não fazem parte do vocabulário das lideranças comunitárias. Por isso mesmo os livros que ajudam na leitura dos documentos eram necessários. *Christus Vivit* foge dessa lógica. Em vários momentos, o Papa Francisco se dirige diretamente aos jovens utilizando expressões como “você, jovem” ou “agora falo para os jovens”.

Por isso mesmo, aqui, não queremos explicar a exortação do Papa, mas sim dar alguns elementos que desenvolvam a ideia, sobretudo no que diz respeito à sua recepção pela realidade eclesial brasileira. Entretanto, sugerimos que você leia

também a exortação de Francisco. Além de ser um documento com textos sucintos, traz uma linguagem vivencial e acessível.

## 4. Jovens com raízes

No capítulo 6 da *Christus Vivit*, o Papa Francisco faz analogia da juventude com uma árvore que não se pode limitar a ser frondosa, mas precisa ter raízes que sustentem sua vida.

Às vezes, tenho visto árvores jovens e bonitas que elevam seus ramos ao céu, buscando sempre mais, e que parecem um canto de esperança. Mais adiante, depois de uma tempestade, encontrei-as caídas, sem vida. Porque tinham poucas raízes, soltaram seus ramos sem se enraizar bem na terra e, assim, sucumbiram diante dos embates da natureza. Por isso me dói ver que algumas pessoas propõem aos jovens a construção de um futuro sem raízes, como se o mundo começasse agora (ChV 179).

Há no processo de evangelização da juventude uma preocupação estética e com a profundidade. Quando nos preocupamos com a questão estética, olhamos apenas para as folhas da árvore, preocupados com a sua aparência. Nessa perspectiva, a evangelização da juventude tem seu êxito medido pelo que o jovem faz aparentemente. Muitas vezes nos contentamos com igrejas cheias. Não que queiramos que elas estejam vazias, mas é muito superficial medir a efetividade da ação pastoral pela quantidade de jovens.

A preocupação com a profundidade da evangelização juvenil nos leva a pensar que a qualidade é mais importante que a quantidade, que a profundidade da vivência cristã não é medida pela quantidade de vezes que alguém vai à missa. É preciso alimentar as raízes da vivência cristã. Consequentemente, elas poderão ter troncos fortes e uma copa frondosa. Por vezes, suas

folhas cairão com a chegada de um inverno. Isso pode acontecer nos momentos de dificuldades da vida. Às vezes o jovem, por causa da morte de alguém próximo ou pela dificuldade de encontrar êxito na vida, pode até se afastar de Deus. Mas se as raízes estão lá, o que foi plantado não se perderá.

## 5. O jovem vocacionado

*Christus Vivit* aponta sempre para a pastoral juvenil como processo vocacional. A ideia de Francisco é a do trabalho com o jovem como possibilidade de um discernimento que leva à maturidade humana e cristã. Vocação é o chamado de Deus, e esse chamado deve ser entendido em sentido amplo (ChV 248). Primeiramente, Deus nos chama para uma vida que tenha sentido, que se construa na amizade, na fraternidade e na santidade.

A vocação também se realiza na atitude de “ser para os outros” (ChV 253). Esse é o caráter missionário de toda vocação. É comum entendermos que o missionário é unicamente aquele que vai para terras distantes: aquele que sai de sua terra e assume uma missão na África ou mesmo nos rincões do Brasil, onde faltam lideranças cristãs, aquele que entendeu a missão e a levou à sua plenitude.

Toda vocação é missionária, pois traz em si o apelo de ir ao encontro e pôr-se a serviço do próximo. Uma vocação que nasce com o intuito de um serviço a si mesmo é narcisista e vaidosa, deixando de ser coerente com o espírito cristão.

A pastoral juvenil torna-se um processo de discernimento vocacional quando possibilita ao jovem o encontro consigo mesmo, construindo alguém maduro, com projetos de realização que o levam ao encontro dos outros, sejam eles membros da comunidade ou pessoas com que vive na sociedade.

## 6. Eficiência e eficácia

A Igreja não é uma empresa, e não queremos aqui trazer elementos que deem a ideia da comunidade eclesial como um organismo empresarial. Mas certos diálogos podem ser interessantes para pensarmos a pastoral. No caso específico que aqui vamos abordar, o mundo empresarial oferece alguns elementos que nos podem auxiliar no discernimento que leve a melhores opções para a pastoral juvenil.

O mundo empresarial fala que uma empresa deve ter eficiência e eficácia em seu trabalho. Eficiência é o saber fazer. Assim, se uma empresa fabrica pneus, é necessário que ela saiba fazer pneus benfeitos, conhecendo materiais e processos de fabricação, treinando seus funcionários e buscando especializar-se para oferecer pneus de qualidade ao mercado.

A eficácia está relacionada aos resultados. Essa mesma empresa de pneus deve, para ser eficaz, conseguir fabricar pneus de qualidade para ter rentabilidade. Afinal, não basta ter bons pneus, é necessário sustentar a empresa, pagando salários e mantendo as estruturas.

Quando uma empresa tem eficiência, mas não tem eficácia e rentabilidade, sua existência pode estar comprometida. Que adianta ter bons pneus, se ninguém os utiliza? Ao mesmo tempo, se ela tem eficácia, mas não tem eficiência, não assegura mercado. As pessoas compram seu produto, mas não reconhecem a marca como sendo de qualidade.

Nos processos pastorais, corremos o risco de delegarmos o sucesso de nossos trabalhos ao Espírito Santo, sem, contudo, nos comprometermos com esses processos e com os resultados. Podemos até pensar a que resultados queremos chegar, mas, sem um horizonte sobre esses resultados, possivelmente cairemos no comodismo pastoral.

Ao mesmo tempo, é preciso alcançar eficiência pastoral. Isso significa saber fazer benfeito aquilo a que nos propomos. É necessário, mas do que nunca, qualificarmos o trabalho de nossas equipes de pastoral. Assim, não basta o catequista ter boa vontade. É preciso que ele seja qualificado didática e pedagogicamente, dando, dessa forma, aos seus catequizandos bons instrumentos. A liturgia deve ser eficiente, oferecendo um serviço de qualidade àqueles que participam das missas. É comum encontrarmos comunidades com equipamentos de sons precários ou com falta de músicos que auxiliem nas celebrações. E muitas vezes não por falta de dinheiro, mas porque isso não é uma prioridade pastoral.

No caso da pastoral juvenil, faz-se necessário qualificar o trabalho com os jovens, preparando-os para efetuar-lo com eficácia. E, para isso, a formação é essencial. O jovem precisa de espaços de formação e há muitas casas, instituições e equipes que ajudam nisso, inclusive dentro das próprias dioceses.

Mas também é preciso pensar na eficácia pastoral. Muitas comunidades observam passivamente os jovens deixarem a comunidade por não se identificarem com aquilo que é vivenciado. Meu pároco, por exemplo, de quando eu era adolescente, em uma cidade do interior de São Paulo, brincava que ele não tinha ovelhas, mas “ovélhas”, referindo-se à comunidade envelhecida. A brincadeira é muitas vezes uma forma suportável de lidarmos com o drama das comunidades que não conseguem pensar em estratégias pastorais.

A comunidade paroquial, assim como as dioceses, é chamada a refletir estrategicamente sobre o modo como trabalha com a juventude. Muitas vezes, achamos que o que temos a oferecer – o próprio Jesus e seu projeto – é algo tão valioso que não há como o trabalho dar errado. Mas conseguimos o improvável: por não desenvolvermos estratégias pastorais que

considerem o saber fazer (eficiência) e os resultados que queremos (eficácia), desqualificamos nosso produto.

Não cuidar do tesouro que temos para oferecer à juventude é como dar um diamante bruto, lindo, com potencial para ser uma joia de grande valor, a um ourives desqualificado. No final, o resultado não será o esperado, mesmo que o material seja bom. Ou, ainda, podemos comparar com o marceneiro que tem em mãos um belo pedaço de madeira, mas não consegue transformá-lo em um móvel por não ser qualificado para isso.

Temos um tesouro nas mãos! Queremos que os jovens tenham contato com ele. Como faremos isso? A resposta deve ser dada por cada comunidade e deve ser pensada conjuntamente. Apenas assim conseguiremos aproximar Jesus de nossos jovens.

Francisco entende que a pastoral juvenil deve assumir a sinodalidade como método. Isso significa que os jovens não devem ser destinatários da pastoral juvenil, mas sim fazerem parte do planejamento e da efetivação dos critérios e das estratégias assumidas pela comunidade (ChV 203). E se isso parece interessante, também gera mudanças na vida pastoral de uma comunidade. Toda sociedade passa por constantes mudanças culturais, e é necessário estar aberto ao diálogo também no sentido de assumir diferentes atitudes. As lideranças comunitárias precisam também trabalhar com os adultos, para que eles entendam a importância de assumir os jovens no processo pastoral.

## 7. “Não deixeis que vos roubem e alegria”

Essa foi uma das mensagens do Papa em sua viagem para Moçambique, em setembro de 2019. A alegria de ser cristão é uma das mensagens centrais do Papa Francisco desde o início

de seu pontificado. Com a publicação da *Evangelii Gaudium*, ele comunica à Igreja o entendimento de que a alegria e a mensagem do Evangelho são inseparáveis.

Os jovens são a expressão viva e ativa da alegria do Evangelho. Deixar que lhes roubem a alegria significa abrir mão do espírito de Jesus, que é de ser presença alegre de Deus.

Essa alegria dos jovens não pode ser confundida com um “rir à toa”. A alegria do Evangelho é traduzida como uma presença entusiasmada de Deus. O jovem é um entusiasmado pelo Evangelho. A palavra entusiasmo significa “Deus dentro de si”. Alguém que é alegre e entusiasmado leva a presença de Deus por onde vai.

*Christus Vivit* é uma encíclica juvenil, muito mais que uma encíclica sobre os jovens. Francisco quer uma Igreja entusiasmada com a possibilidade de levar o Evangelho ao mundo, sobretudo sendo presença de Deus. Que essas páginas que aqui trazemos nos ajudem a entender esse espírito da exortação.

Neste livro organizaremos nossa reflexão em três partes. Em um primeiro momento, falaremos sobre o processo sinodal que tratou da juventude, com os textos e questionários preparatórios e com as principais linhas de trabalho que foram sinalizadas. Ainda no primeiro capítulo nos ocuparemos do espírito de sinodalidade, que tem sido resgatado pela Igreja que busca decidir, sempre com a participação das dioceses e seus bispos, os caminhos a serem traçados para a evangelização. No segundo capítulo, falaremos do texto da exortação pós-sinodal de Francisco. Não se trata de um resumo, pois buscamos trazer as principais linhas de pensamento. Também dialogaremos com outros textos escritos por Francisco, com documentos da CNBB e com as aspirações da pastoral juvenil brasileira. No terceiro capítulo, abordaremos o processo de recepção



da exortação pela pastoral juvenil. Sem nenhuma “receita de bolo”, procuraremos apontar algumas perspectivas pastorais no sentido de ajudar no processo de recepção.

No decorrer dos textos, procuraremos dar exemplos que auxiliarão você, leitor, no entendimento daquilo que está sendo tratado. Também no final de cada capítulo traremos alguns exemplos de estratégias pastorais. Elas não têm o objetivo de serem seguidas, mas sim de ilustrarem as ideias sinodais. O importante é entender que os caminhos devem ser pensados em conjunto com os jovens. Qualquer “receita” tem a limitação de não se adequar a diferentes circunstâncias.

Uma última informação é importante. No decorrer do texto, apresentaremos alguns autores e suas ideias. Optamos por não colocar citações bibliográficas por estarmos escrevendo um texto mais pastoral. No entanto, esses autores constam na bibliografia que está no final do livro. Porém, achamos importante trazer as referências dos escritos papais e, sobretudo, das ideias presentes na Exortação *Christus vivit*. As referências auxiliam no diálogo desse roteiro com o texto do Papa Francisco e também com o *Instrumentum Laboris* e o *Documento final* do sínodo.



# O processo sinodal

Para melhor entendimento da exortação de Francisco, precisamos distingui-la do *Documento final*, produzido no sínodo. Enquanto tal documento diz respeito às temáticas e perspectivas eclesiais tratadas no sínodo, a exortação traz as instruções e entendimentos da Papa Francisco.

*Christus Vivit* foi concebida dentro do processo sinodal. Entender o que é um sínodo e mesmo como aconteceu o processo sinodal específico que discutiu a relação entre os jovens e o cristianismo é de suma importância para, depois, entendermos a exortação. A perspectiva da sinodalidade é, talvez, o elemento mais relevante no contexto da exortação. Isso porque ela aponta para uma Igreja da participação, onde cada membro é chamado a ser parte efetiva da comunidade cristã. A sinodalidade foi acolhida também por Francisco como método de pastoral juvenil. O jovem é Igreja e deve ser acolhido no ambiente eclesial, participando efetivamente da comunidade cristã.

## 1. O que é um sínodo?

O Concílio Vaticano II foi marcado pelo clima de colegialidade. Os bispos do mundo todo, que se reuniram para o Concílio convocado por João XXIII, buscaram construir o Concílio discutindo e refletindo, sempre de maneira conjunta, sobre os rumos que a Igreja tomaria.

O colegiado não foi um tema discutido no Concílio. Não se trata de encontrarmos nos textos conciliares alguma explicação sobre a colegialidade. Mais que isso, o colegiado foi a base e a metodologia para a construção conciliar. Desde a primeira

sessão do Concílio, os temas e textos foram decididos pelo conjunto dos padres conciliares, como são chamados os bispos que participam de um Concílio.

Uma das decisões do Vaticano II foi a realização de sínodos periódicos. A cada tempo se escolhe um tema, que é trabalhado por um conjunto de bispos, com a participação de auditores e auditoras que podem ser padres, religiosas e religiosos, além de leigos e leigas. Há também a participação de peritos, que são teólogos que auxiliam nas abordagens. Além do Sínodo sobre a Juventude (2018), já foram realizados sínodos sobre a família (2015), além de vários outros que trataram da evangelização.

A perspectiva da colegialidade foi trazida para a América Latina em forma de sinodalidade, mesmo que não ganhasse tal nome. Os bispos latino-americanos se preocuparam com a recepção do Concílio Vaticano II na América Latina. Já no período em que o Vaticano II foi feito, pensou-se em uma conferência latino-americana que discutisse as ideias conciliares. Foi então que o Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano) apontou para a realização da Conferência de Medellín, em 1968.

O Papa Francisco valoriza a colegialidade da Igreja. Mas ele foi além, entendendo que a colegialidade deve contar também com a representatividade. E se é bom que a Igreja se reúna para pensar seus caminhos, é melhor ainda quando entram nessa roda de conversa pessoas vindas de vários lugares do mundo onde a Igreja está presente.

Um exemplo da representatividade assumida por Francisco é sua escolha na criação de novos cardeais. Ele criou cardeais vindos de lugares novos, fora do eixo europeu ou dos Estados Unidos, regiões essas com maior número de cardeais, ou mesmo de países latino-americanos como México e Brasil. A ideia de Francisco é aumentar a representatividade e diminuir

a concentração geográfica dos cardeais. Foram criados, desde a eleição de Francisco, cardeais, por exemplo, do Haiti, Tailândia, Nova Zelândia, Tonga, Madagáscar e de outros países sem tradição de cardeais. A participação das igrejas locais nas decisões e discussões institucionais passou a ser um critério importante para Francisco.

O sínodo, acontecimento que busca envolver os membros das comunidades nas decisões, é uma prática antiga no cristianismo e consiste em reunir representantes das comunidades locais para discutirem um determinado assunto, geralmente algum problema da comunidade. Nesse sentido, também as assembleias da CNBB têm perspectiva sinodal. Isso porque os bispos lá presentes representam suas dioceses, pensando, em conjunto, os caminhos para a Igreja no Brasil.

Com o passar do tempo, os sínodos foram perdendo espaço para os Concílios, mais genéricos e cada vez mais ligados a Roma. Poucas dioceses pelo mundo realizavam sínodos, e a prática passou a ser retomada com o Vaticano II. Além dos sínodos locais, a Igreja passou a fazer de tempos em tempos um sínodo dos bispos para refletir sobre os caminhos da Igreja.

O sínodo também pensa em caminhos para as comunidades, e o bispo representa não apenas a sua diocese, mas também sua região. É certo que a participação de leigos e mesmo de padres poderia ser mais ativa. Os peritos e auditores são ouvintes das sessões de trabalho e têm a função de oferecer informações e reflexões nos chamados “bastidores” dos sínodos. Seria muito bom que jovens fossem ainda mais ouvidos nas assembleias do Sínodo para a Juventude, que famílias fossem mais escutadas no Sínodo para as Famílias. Essas pessoas são ouvidas. Mas, geralmente, isso acontece no processo

prévio ao sínodo. Os jovens foram escutados através do questionário preenchido pelas comunidades e que também estava disponível no site do Vaticano.

### **Características gerais de um sínodo**

- Conta com a participação ativa dos bispos.
- Também conta com a participação de auditores e auditoras que contribuem com o processo sinodal.
- Busca escolher os participantes, tendo em vista a representatividade da Igreja, espalhada pelo mundo;
- É presidido pelo Papa.
- É convocado com a intenção de tratar de um assunto específico que geralmente se mostra como um desafio para a Igreja.

## **2. A sinodalidade**

Um sínodo é presidido sempre pelo Papa. No caso do Sínodo para a Juventude, em 2018, quem presidiu foi Francisco. Mas a ideia não é que o sínodo seja uma reunião para que o Papa diga aos bispos aquilo que deve ser feito. Antes, os membros do sínodo buscam levar os elementos e a vivência de suas comunidades, para que esse sínodo reflita sobre suas questões de maneira ampla e atual.

Os sínodos modernos, ou seja, os sínodos pós-conciliares, não são deliberativos. Isso significa que o sínodo, por si só, não resulta em regras a serem cumpridas. Nesse sentido, os sínodos modernos seguem a referência do Vaticano II, que se propôs a não trabalhar com condenações (também conhecidas como anátemas), mas com proposições para a Igreja e para o mundo.

Os sínodos realizados no período posterior ao Vaticano II trazem consigo a perspectiva da representatividade da Igreja espalhada pelo mundo e objetivam pensar em caminhos e oferecer orientações.

Os participantes dos sínodos são escolhidos pelas conferências episcopais, e há alguns que são nomeados pelo Papa. Geralmente, o Papa convida para um sínodo alguns cardeais e bispos que ocupam funções estratégicas e que podem auxiliar no processo pós-sinodal. O Papa também convida alguns bispos que podem oferecer importantes informações e reflexões para o processo sinodal. No que se refere ao Sínodo para a Juventude, são bispos que têm experiência com o trabalho juvenil.

Também peritos são convocados para os sínodos. Eles são teólogos que auxiliam oferecendo embasamentos teológico e eclesial para aquilo que é discutido. Também são convocados auditores e auditoras. Podem ser padres, religiosos e leigos que geralmente têm algum envolvimento com o tema que está sendo debatido.

### **Igreja sinodal**

A palavra sínodo significa “caminhar juntos”. No ambiente eclesial, diz respeito à capacidade que a comunidade ou que a Igreja como um todo tem de pensar seus caminhos em conjunto.

Para o teólogo brasileiro Mario de França Miranda, a sinodalidade é mais que uma noção técnica e precisa. Antes, trata-se de um horizonte eclesiológico que nos leva a entender a importância da participação de todos os membros da Igreja que buscam caminhar juntos.

A sinodalidade sempre foi uma característica importante do cristianismo. E, diferente da colegialidade que acontece sempre em ambiente conciliar, ela diz respeito à participação colegiada das discussões e decisões da comunidade cristã, com a participação do bispo da diocese. Assim, uma diocese pode, por meio de seu bispo, convocar um sínodo para pensar temas e caminhos diante de desafios locais. Em nível maior, quando convocado pelo Papa, o sínodo conta com maior participação dos bispos, mas também com peritos, auditores e auditoras que podem ser padres, religiosos e leigos. Em nível diocesano, conta com a participação do clero local, além dos membros das paróquias e comunidades.

Contudo, mais importante que as questões técnicas de quem participa ou não do processo sinodal é o espírito de eclesialidade presente na Igreja. Um sínodo traz consigo a concepção de que todos somos corresponsáveis e que podemos contribuir para a caminhada da comunidade cristã. A ideia da sinodalidade, revigorada na recepção do Concílio Vaticano II, fez com que muitas comunidades e paróquias formassem conselhos comunitários e paroquiais para que o planejamento pastoral fosse pensado conjuntamente. O mesmo aconteceu em nível diocesano.

*Christus Vivit* aponta para a sinodalidade presente na pastoral juvenil, à medida que o jovem é visto como agente e protagonista da evangelização (ChV 203). Os jovens são as pessoas



mais capazes de identificar quais os melhores caminhos para a aproximação da juventude. Na pastoral juvenil, trata-se de “colocar em campo a sagacidade, o engenho e o conhecimento que os próprios jovens têm da sensibilidade, linguagem e problemáticas dos outros jovens” (ChV 203).

Nesse processo de aproximação dos jovens, é preciso se desprender de algumas características que são próprias de uma pastoral dos adultos, como horários rígidos e estratégias bem definidas (ChV 204). A aproximação dos jovens se inicia, sobretudo, pela convivência.

### 3. O processo de preparação do sínodo

O Sínodo para a Juventude aconteceu em outubro de 2018, mas sua preparação começou bem antes. Em 6 de outubro de 2016, o Papa anunciou sua realização já com a temática: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Em 13 de janeiro de 2017, a Santa Sé publicou o *Documento preparatório*, junto com uma carta do Papa aos jovens. O documento preparatório continha um questionário que foi enviado às conferências episcopais. No caso do Brasil, à CNBB. Tal documento continha quinze questões, sendo que eram destinadas três questões a cada continente. O trabalho sinodal já apontava para uma discussão da juventude a partir da existência de uma pluralidade de juventudes.

O intercâmbio das experiências juvenis se intensificou no Seminário Internacional sobre a Condição Juvenil, que aconteceu no Vaticano, de 11 a 15 de setembro de 2017. O evento contou com a participação de vários jovens e representantes das várias regiões do mundo onde o catolicismo se faz presente. O seminário apontou, principalmente, para a necessidade de colocar o jovem como protagonista do processo sinodal. A

ideia é que não fosse apenas um sínodo *para* os jovens, mas *com* os jovens.

A comissão para o sínodo organizou, então, um questionário. Foi pedido que cada diocese respondesse a algumas questões. Mas também cada grupo de pastoral juvenil ou mesmo cada jovem poderia entrar no site do Vaticano e ler o texto, e o que é mais importante e inovador: cada jovem poderia enviar sua resposta. A preparação do sínodo foi mais interativa e possibilitou a participação de jovens espalhados pelo mundo e de jovens das comunidades locais. A comissão preparatória do sínodo recebeu mais de cem mil respostas, enviadas por jovens e por grupos de pastoral juvenil espalhados por várias regiões.

Em 8 de maio de 2018, a Santa Sé publicou o documento de trabalho (que é chamado de *Instrumentum Laboris*) com o objetivo de orientar os trabalhos sinodais. A estrutura do documento de trabalho é baseada no método ver-julgar-agir, já adotado por Francisco em outros documentos, sendo organizado em três partes, que recebem nos títulos de cada uma delas as palavras *reconhecer*, *interpretar* e *escolher*.

A Santa Sé organizou um documento de trabalho que falava sobretudo do jovem como vocacionado e de sua atuação como sujeito eclesial e social. A ideia central do processo sinodal foi propor que o jovem se tornasse um protagonista da Igreja e da sociedade. Para que as estratégias pastorais sejam mais eficientes, o documento busca identificar características juvenis do mundo atual, bem como iniciativas de pastoral juvenil.

### 3.1. Reconhecer

Reconhecer o jovem atual é reconhecê-lo dentro da diversidade cultural. O jovem sempre vive sua juventude em uma

determinada circunstância, e ser jovem em um determinado lugar ou situação social é diferente de sê-lo em outra.

a) *São muitas juventudes*: a juventude é plural (ChV 68). Não existe uma juventude para a qual a comunidade cristã possa pensar sua ação pastoral. Os jovens atuais não se agrupam em uma grande massa que faça com que eles sejam identificados como jovens. Eles se reúnem em grupos que apresentam uma afinidade ou uma característica comum.

É muito comum escutarmos que os jovens andam ouvindo K-POP, estilo de música *teen* coreana que atrai a atenção de adolescentes e jovens. Mas é ingenuidade pensarmos que todos os jovens escutam tal música, isso porque é igualmente comum encontrarmos algum jovem que nunca escutou falar desse estilo musical ou sequer sabe o nome de alguma banda de K-POP. Os jovens também escutam Luan Santana e sertanejo universitário, escutam MPB ou ainda rock. Cada grupo tem sua identidade. Até mesmo os jovens cristãos vivem no seu grupo e muitas vezes escutam música gospel, sem ter contato com nenhum dos outros grupos. Ou há ainda jovens que estão na comunidade eclesial, mas que não gostam da música de estilo gospel.

Uma parte da sociologia entende a juventude a partir das tribos urbanas. Nas cidades, sobretudo nos grandes centros urbanos, os pequenos grupos se reúnem para atividades. Seja para andar de skate nas praças, para concursos de rap ou para discutir sua sexualidade, os jovens sempre encontram uma atividade que atenda a seus interesses e os agregam em grupos. Tais grupos podem ser invisíveis aos olhos da grande população. Mas eles existem.

O maior desafio da pastoral juvenil, sobretudo daquela que está nos grandes centros urbanos, é o de atrair para si tais grupos, pois muitas vezes eles não se sentem contemplados na

realidade paroquial. Desafio maior ainda é ir ao encontro dos jovens. Em geral, somos acostumados a trabalhar com os jovens que já estão na comunidade cristã. Eles entendem nossa linguagem e são mais receptivos aos nossos padrões. Mas iremos tratar disso mais à frente, quando falarmos das propostas para a pastoral juvenil a partir do sínodo.

b) *Os sinais dos tempos*: desde o Concílio Vaticano II, a Igreja diz que é necessário que se esteja atento aos sinais dos tempos. Essa perspectiva é assumida também pela Igreja latino-americana, sobretudo na Conferência de Medellín. Estar atento aos sinais dos tempos significa perceber o Deus que se manifesta na história, ao mesmo tempo que as situações de conflito são lugares privilegiados para a ação de Deus e de seus discípulos. Para que a Igreja perceba os sinais dos tempos, é necessário que ela deixe seu comodismo.

Quando tratamos da pastoral juvenil, estar atento aos sinais dos tempos pede da comunidade cristã uma atenção especial para que perceba onde estão os jovens. Nem sempre eles estão frequentando os templos. Esses jovens podem estar em situação de vulnerabilidade, sendo vítimas do tráfico de drogas ou do desemprego. São jovens gestantes ou mães que não contam com ajuda da família ou dos pais da criança na educação e no sustento dos filhos. São jovens da periferia, seja ela geográfica ou existencial, condenados pelos olhares e pelas atitudes julgadoras da sociedade.

Difícilmente eles estão nas missas dominicais ou na catequese. Quando a Igreja se torna atenta aos sinais dos tempos, ela percebe que é preciso que se abra para o encontro com esses jovens. Ou, mais ainda, é necessário ir ao encontro deles.

Para identificar os sinais dos tempos, a pastoral deve cultivar a empatia. A empatia nos leva a nos colocarmos no lugar do

outro, sentindo-nos incomodados por suas angústias e necessidades. E mais que isso, aquele que vive empaticamente age em favor do outro. Postura parecida é a da compaixão. Nos Evangelhos, constantemente, Jesus sente compaixão. Ele se coloca no lugar das pessoas e da multidão e se sente motivado pelas causas e necessidades alheias. É assim quando vê a multidão com fome (cf. Mt 9,36), diante da mãe viúva (cf. Lc 7,13) ou mesmo quando conta a parábola do pai misericordioso (cf. Lc 15,20).

Não se trata de ter dó ou piedade, mas de estabelecer relações que possibilitem entender os problemas na perspectiva do outro. Mais que um auxílio, trata-se de enxergar a situação do local onde o outro está. A falta de empatia nos leva ao julgamento. Isso acontece porque olhamos o outro da nossa perspectiva. Os motivos que levam uma pessoa a agir ou a ser como é são bastante variáveis e diferentes dos nossos e da nossa maneira de pensar, e isso pode não ser justificável. A empatia não significa concordar com tudo, mas, a exemplo da postura de Jesus, entender as motivações alheias.

Somente com empatia conseguimos entender as jovens que passam por uma gravidez precoce e não planejada, ou o jovem que passa por problemas com drogas, ou ainda o que passa por dilemas existenciais e pensa no suicídio. Algumas situações que parecem descompromisso ou dramas, só podem ser entendidas com empatia.

c) *Jovens globalizados*: por definição, entendemos que jovens são aquelas pessoas com idade entre 16 e 29 anos, que representam um pouco menos de um quarto da humanidade (IL 6). Isso significa que, em média, um quarto de uma comunidade é constituída por jovens. Claro que se trata de uma média. Comunidades mais periféricas tendem a contar com

maior presença de jovens. Comunidades mais centrais, que geralmente estão em regiões com maior concentração de população idosa, tendem a ter menos jovens.

Mas, independentemente do número de jovens da comunidade, podemos encontrar algumas características juvenis que lhes são próprias. Eles são pessoas imersas nos meios de comunicação, sobretudo nas redes sociais e na internet e, conseqüentemente, nos processos globais.

E o que é a globalização? A princípio, podemos entender a globalização como processos econômicos e culturais que envolvem o mundo em sua totalidade, possibilitando um intercâmbio entre povos, suas culturas e economias. As iniciativas econômicas locais são submetidas a lógicas globais. É comum fazer uma analogia da globalização com o fim das fronteiras dos países, enfatizando-se o intercâmbio que pode existir entre eles. Os processos globais se intensificaram com o uso da internet. Isso porque não é necessário que se vá a um lugar para participar ou saber o que lá acontece.

Contudo, é preciso ter uma crítica sobre os processos globais. O geógrafo brasileiro Milton Santos enfatiza que a globalização não preza pelo intercâmbio cultural nem econômico, mas pela universalização de uma determinada cultura, tendo em vista a hegemonia econômica. É comum usarmos marcas e produtos geralmente vindos dos EUA, escutarmos músicas de lá ou mesmo comermos *fast food* de multinacionais que têm sede fora do Brasil. Mas será que podemos encontrar fora do Brasil, com a mesma frequência, marcas e produtos brasileiros ou mesmo músicas de nossos cantores tocando nas *playlists* estadunidenses? Para cada cantor latino-americano que faz sucesso no eixo EUA-Europa, temos uma infinidade de músicas estrangeiras tocando em nossas rádios.

As fronteiras que deixam de existir para a aplicação do capital nem sempre permitem o intercâmbio cultural. Assim, é mais fácil aplicar o dinheiro em outro país que visitar esse mesmo país. Mas, com muita facilidade, o capital estrangeiro consegue colocar seus produtos pelo mundo inteiro. O que encontramos não é um intercâmbio cultural, mas uma universalização de determinada cultura. E você pode pensar: qual o problema disso? O problema é que a cultura local se perde e o seu valor também.

Os jovens atuais assumem cada vez mais um modo de ser que é pautado pelos processos globais. É comum que jovens brasileiros escutem, por exemplo, as músicas cantadas por Camila Cabello, cantora cubana que construiu sua carreira nos EUA e que ficou mundialmente conhecida por participar da banda pop Fifth Harmony. Também podemos identificar o interesse dos adolescentes e jovens brasileiros pelas bandas coreanas de K-POP. A banda BTS já veio várias vezes ao Brasil e, em 2019, vários jovens ficaram por cerca de três meses na fila de entrada para o show que aconteceu em São Paulo, com o objetivo de ocupar os lugares mais próximos do palco.

Mesmo quando falamos da cultura nacional, podemos ver que a supremacia do global se torna característica comum. Podemos tomar como exemplo as bandas e cantores sertanejos. Cantores como Luan Santana ocupam mais espaço nas rádios e *playlists* dos aplicativos que cantores sertanejos que tocam as conhecidas modas de viola. E aqui não estamos falando de gosto musical. Trata-se de uma valorização cultural e econômica daquilo que é oferecido pelas mídias.

Não queremos, aqui, sacralizar nem demonizar os processos globais. Mas há um problema que influencia diretamente os processos de evangelização: os jovens estão cada vez menos

preocupados ou comprometidos com a realidade local. Isso ocorre também nas comunidades cristãs. As referências globais são assumidas como critério. O padre da comunidade local passa a ser comparado com os pregadores que estão na mídia, ou mesmo os grupos de canto daquela comunidade são comparados com os grandes grupos, muitas vezes profissionais, que tocam nos canais de TV.

A juventude é um período de escolhas. O jovem se depara com a escolha de uma carreira, dos estudos, do relacionamento e de tantas outras questões que o acompanharão para o restante de sua vida. E o pior da escolha é que, ao optar por algo, o jovem muitas vezes exclui todas as outras possibilidades. Esse é um peso muito grande.

Também é grande o peso de não poder escolher. Muitos jovens se veem impossibilitados de escolher uma carreira ou determinado estudo. Falta-lhes o acesso à educação, ou, então, a necessidade de ajudar no sustento da família impede que isso aconteça. Quando conseguem cursar uma faculdade, escolhem a partir do mercado de trabalho e não de seus sonhos ou habilidades.

Junto com a fase das escolhas, o jovem vive a fase de transformações. Escolhas que levam a mudanças fazem parte de todo o itinerário da vida humana. Mas na juventude tais escolhas e mudanças parecem ser mais evidentes e intensas. Na busca por situações que sejam favoráveis, o jovem muda, inclusive de cidade, estado ou país. No cenário global, podemos ver muitos jovens migrantes e imigrantes. Eles não estão apenas fugindo de conflitos, mas buscando condições para viver com dignidade e realizar-se como pessoa.

Ser diferente nunca é fácil. No que diz respeito à juventude, menos ainda. Os jovens são cheios de vigor e sonhos, mas,



quando não são orientados, também são capazes de excluir e discriminar. Na busca pela identidade, o jovem pode se deparar com o dilema de ser diferente e possivelmente discriminado, ou aceitar os padrões de determinado grupo como forma de socialização. Essa busca pela identidade pode ser percebida não só quando ele procura aceitar e conhecer o próprio corpo e sua sexualidade, mas também pela relação de afeto que estabelece com aqueles que rodeiam sua vida cotidiana (cf. IL 52-53) e que tem com os meios digitais (cf. IL 57-58).

Nessa fase de escolhas, é importante que os jovens possam contar com a ajuda das famílias da comunidade civil e da comunidade cristã. O problema é que muitas vezes os jovens não encontram ambiente propício para o discernimento necessário. Pensaremos no papel da comunidade cristã mais à frente, quando abordamos as questões pensadas no sínodo.

### 3.2. Interpretar

A segunda parte do *Documento de trabalho* trata do discernimento diante da vida e das relações. O jovem é incentivado a assumir sua vocação, a exemplo do jovem Jesus que também assumiu um projeto de vida. Os dois temas que mais aparecem no *Documento de trabalho* são fé e vocação, e isso porque a fé é consequência de um intenso encontro com Deus que se desenvolve em um compromisso de vida na relação com os outros.

A experiência com Jesus e a convivência com a comunidade cristã se tornam critérios para que o jovem possa entender sua própria vida, as relações com a comunidade eclesial e a vida em sociedade. A vocação do jovem não é entendida, por nenhum dos textos e documentos produzidos pelo sínodo, como uma fuga do mundo, mas sim como missão assumida na relação

com a sociedade. O jovem é chamado a buscar sua realização nas relações que vive. Família, estudos, trabalho e lazer passam a ser espaços onde a presença cristã deve acontecer.

a) *O jovem Jesus*: Jesus era jovem. Assumindo os pressupostos da leitura bíblica, podemos dizer que Jesus tinha atitudes de um judeu adulto na fé. Ele assumiu uma missão, fez discípulos e peregrinava anunciando a boa-nova do Evangelho. Francisco atribui duas características à juventude: ela é estimulante e original. Além disso, assume Jesus como referência para a vida do jovem de hoje (ChV 22).

O jovem Jesus assumiu sua missão dando sentido para sua vida (ChV 28). Quando encontrado por seus pais, pregando aos doutores da lei, mostrava zelo pelos ensinamentos: “Não sabíeis que eu devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49b).

Outra característica da ação de Jesus é que ela acontece em meio à sua relação com seus discípulos e amigos. Dificilmente nos Evangelhos encontramos relatos em que Jesus está sozinho. Sua vida é uma constante relação, seja com os discípulos que aprendem com ele, seja com cada um de seus amigos: Marta, Maria e Lázaro, onde ele encontrava sempre um ambiente amigável e acolhedor.

Também os jovens encontram nas amizades e na convivência comunitária um ambiente acolhedor para assumirem a missão que lhes é confiada. É no ambiente comunitário que eles constroem a consciência de seu lugar na comunidade cristã (ChV 30).

Esse amadurecimento acontece:

- na relação com Deus;
- na relação com os irmãos;
- na missão.

A comunidade e a relação com os outros são fatores importantes para que o jovem possa se construir como um sujeito maduro. Há o entendimento da comunidade como local privilegiado da vivência cristã. Mais que as estruturas institucionais, a comunidade é entendida a partir das relações afetivas e familiares e dos vínculos que se estabelecem.

b) *Vocação como chamado a viver a fé*: muitos jovens têm dificuldades de entender a fé apresentada pela Igreja. São contrários às ideias de dogmas e não compreendem aquilo que lhes é transmitido. É comum que vejam o cristianismo apenas como um conjunto de regras rígidas e sem sentido. Podemos identificar um problema no processo de diálogo entre o jovem e a Igreja. O jovem quer participar do processo, enquanto muitas vezes a comunidade dá a ele todas as informações já prontas. O processo de vivência da fé deixa de ser uma experiência para se tornar algo teórico, onde se adquirem informações mais que vivências e experiências.

Outra questão é que muitas vezes entendemos a fé como um sentimento ligado à presença de Jesus. Mas a fé não se resume ao encontro com Jesus. Mais que isso, ela é o compromisso de vida que se assume depois desse encontro. A fé é compromisso assumido pelo cristão, sempre de maneira individual, mas que se alimenta no ambiente comunitário. É também dom oferecido por Deus (cf. IL 82). E é dom porque o ser humano, por conta própria, não consegue ser fiel ao compromisso assumido. Deus sustenta a vivência cristã.

A fé deve ser entendida como um compromisso assumido pela pessoa. Ela supera o sentimento ou a sensação de um encontro com Deus. A fé é aquilo que vem depois desse encontro. Abraão, considerado o pai da fé, se encontrou com Deus, que lhe prometeu uma grande descendência (cf. Gn 13). Mas a fé

de Abraão não se resume a esse encontro, mas consiste em sair de sua terra e caminhar sem ao menos saber se iria chegar em Canaã. O cego Bartimeu também é um exemplo de vivência de fé (cf. Mc 10,46-52). A conversa com Jesus o motivou a jogar o manto e ir ao encontro do Mestre. O manto, para o cego, era importante. Durante o dia ele servia de depósito para esmolas e de noite era usado para se proteger do frio. Jogar o manto é um ato de compromisso com a pessoa de Jesus, é a atitude daquele que supera a vida de exclusão e se agarra na possibilidade de um novo caminho.

A fé cristã assumida pelo Batismo é entendida como compromisso de uma vida coerente com a pessoa de Jesus, a qual é vivida no seio da comunidade. A fé é vivida em contextos concretos. É compromisso assumido na vida cotidiana. Caso contrário, ela se torna adesão a uma teoria teológica e não vivência do Evangelho.

Assumimos a vivência da fé no dia do nosso Batismo. Se fomos batizados quando ainda crianças, nossos pais e padrinhos se comprometeram em nos educar na fé cristã. Se fomos batizados já adultos, nós mesmos assumimos publicamente esse compromisso. O sacramento da Crisma, também chamado de confirmação, é o sacramento da maturidade cristã, onde o jovem/adulto assume diante da comunidade o seu compromisso cristão.

A fé que professamos comunitariamente é recebida no Batismo. Quando somos batizados, o ministro que preside a celebração pergunta: “Que pedes à Igreja de Deus?”, e aquele que vai ser batizado responde: “A fé”. O compromisso assumido individualmente é vivido comunitariamente. Sem a comunidade, somos menos capazes de viver nosso compromisso cristão. A fé tem, então, um movimento interior e um movimento

exterior. A pessoa passa por um desenvolvimento interno e faz a adesão pessoal. Ninguém pode aderir a Jesus e à comunidade eclesial no lugar do outro. Não existe Batismo por procuração. Mas essa fé é vivenciada e fortalecida conforme vivemos com os irmãos.

Em toda celebração dominical, a comunidade eclesial faz a sua profissão de fé. Muitos acreditam ser o “Creio” uma oração. É comum escutarmos alguém dizer: “Vou rezar o Creio”. Mas o Creio (ou o Credo) não se reza. Antes, se professa. A profissão de fé é um compromisso assumido publicamente. Ao professarmos a fé, dizemos diante da comunidade eclesial que queremos assumir aquele compromisso trinitário e comunitário. Ao fazermos isso, nas celebrações dominicais, dizemos “Creio na Igreja”. A Igreja é o ambiente da fé. A fé que professamos é vivida no ambiente comunitário. Em termos filosóficos, podemos dizer que a Igreja não é objeto da fé, mas o local onde ela acontece. Um exemplo é o modo como o amor familiar é vivido na família. A relação entre os membros da família é um ambiente privilegiado para alimentar o amor familiar. Do mesmo modo, o ambiente comunitário e eclesial é local privilegiado para alimentarmos a fé em Jesus. Cremos em Deus, reunidos e participando como Igreja.

A comunidade cristã é chamada a ser um ambiente privilegiado onde o jovem assume seu compromisso de fé, também chamada de vocação. Para que isso aconteça, fazem-se necessários espaços de interação com o jovem, para que ele formule seu projeto de vida, sua vocação.

c) *Vocação como santidade*: em todo mês de agosto, as comunidades celebram as vocações e rezam por elas. É um mês onde se enfatiza, sobretudo, a vocação sacerdotal, religiosa, familiar e, também, a vocação do catequista. É comum que se

entenda – equivocadamente – que se assumir como vocacionado seja entrar no seminário ou no convento. É claro que o jovem que vai para o seminário ou os postulantes à vida consagrada que ingressam nos conventos estão no processo vocacional. Mas também os jovens que não ingressam nos seminários e conventos são vocacionados.

A vocação, palavra que vem do latim *vocare*, que significa chamado, é utilizada para se referir ao chamado de Deus a cada pessoa. E para que Deus chama? Chama para uma vida que valha ser vivida, chama para uma vida de doação, chama para uma vida que tenha sentido. E o sentido quem constrói somos nós.

Toda vocação acontece em uma circunstância concreta. E é no contexto em que vive que o jovem realiza sua vocação. Descobrimos a vocação quando percebemos o sentido de viver, muito mais do que quando descobrimos aquilo que devemos fazer. Assim, um jovem descobre sua vocação não quando se torna missionário na África, mas quando percebe que pode construir uma vida de doação. Do mesmo jeito, uma religiosa contemplativa não realiza sua vocação quando entra em um mosteiro contemplativo. Antes, ela descobre sua vocação quando percebe que pode doar-se, em sua oração, àqueles que mais precisam. Ir para a África ou para o mosteiro são consequências de um processo de amadurecimento da vocação.

O Papa Francisco entende que a vocação se concretiza em duas características muito cristãs: a santidade e a alegria. A santidade é consequência do encontro com Jesus (cf. ChV 49). O envolvimento com a pessoa de Jesus leva o jovem a assumir suas atitudes e gestos. E a alegria é entendida pelo Papa como característica da vivência cristã (EG 1).

A temática da santidade foi abordada por Francisco na sua Exortação *Gaudete et Exsultate*. Nela Francisco traz uma reflexão sobre a santidade atitudinal que se concretiza sobretudo nos gestos e atitudes assumidos no cotidiano (GeE 16).

A alegria, por sua vez, é tema da Exortação *Evangelii Gaudium*, publicada em 2013, e é considerada como um “plano de governo” do Papa Francisco, pois traz as principais ideias que ele assume para o seu Papado, como a perspectiva de uma Igreja “em saída” (EG 20-23) e da relação da Igreja com a sociedade (EG 177-237).

d) *Amor é movimento em direção ao outro*. O amor a si mesmo é importante. Mas um amor exclusivamente fechado em si é narcisismo. Quando nos amamos, descobrimo-nos como dom de Deus e queremos que também aqueles que convivem conosco descubram esse amor.

A Trindade é exemplo da vocação ao amor. O Pai e o Filho se amam. Trata-se de um amor pleno e intenso. O Espírito é o movimento que emana desse amor, possibilitando que vivam plenamente essa relação, mas que ao mesmo tempo não se limitem. O Espírito é o amor de Deus que se manifesta e se concretiza na criação e na relação com a criação. O Pai cria para poder amar, o Filho salva por amor, o Espírito se comunica como amor. A Trindade é relação de amor.

Se Deus é relação e amor, também o cristão é chamado a vivenciar esse amor. Quando nos colocamos na direção do outro, impulsionados pelo amor, nos realizamos como vocacionados. É importante entendermos que o amor leva a ligações concretas. Jesus curou, ensinou, se relacionou com pessoas concretas. Francisco de Assis, impelido pelo amor, foi viver como pobre, junto com os pobres. Dom Bosco, por amor, foi trabalhar com crianças e jovens. Santa Dulce, por amor, foi cuidar de doentes e crianças que eram desassistidos.

A vocação é sempre um movimento amoroso em relação ao outro, sem juízos, sem preconceitos, sem busca de recompensas. Pode parecer muito romântico, mas é coerente. Quando esperamos algo em troca daquilo que fazemos, corremos o risco de colocar nossa vaidade ou nossos interesses acima da relação de amor. Assim foi Jesus. Ele não perguntou aos doentes que curou, se eles se tornariam discípulos. Alguns se tornaram, outros não. Mas Jesus fez o melhor que poderia àquelas pessoas e tornou a vida delas mais digna e feliz.

### 3.3. Escolher

A juventude é o período das escolhas. Contudo, não se trata de escolher como alguém que está diante das prateleiras do supermercado ou diante das gôndolas de promoções de uma loja de roupas. As escolhas devem ser consequência de um processo de amadurecimento cristão de um jovem que reconheceu as características do ser jovem e interpretou as situações vividas.

O *Documento de trabalho* do sínodo tem muito da pedagogia inaciana. Por sinal, vemos muito das inspirações de Santo Inácio de Loyola nos escritos, nas atitudes e no Papado de Francisco. Inácio tinha o princípio de que não basta conhecer a Deus no intelecto. É preciso experimentá-lo. Essa é a tônica da pedagogia e da espiritualidade inaciana. Escolher, então, não é mero capricho do desejo, mas fruto da vontade.

A filosofia diz que o ser humano é um ser de desejos e vontades. Os desejos são guiados pelos instintos. Temos o desejo de tomar um café, um sorvete ou comprar uma roupa. Se nos entregarmos totalmente aos desejos, assemelhamo-nos aos animais, que buscam satisfazer-se a todo custo. A vontade é fruto de um processo de discernimento. Quando nos entregamos à



vontade, é porque pensamos naquilo que queremos, ponderamos os benefícios, malefícios ou mesmo as consequências.

Escolher é, então, um ato de liberdade do ser guiado por sua vontade e discernimento (IL 114). Escolhemos o que queremos fazer da nossa vida, mesmo que não possamos atingir nossos objetivos de maneira plena. A juventude é um período de escolhas. A pastoral juvenil pode auxiliar o jovem nesse processo, confrontando a realidade existencial e as circunstâncias vividas por ele, iluminando-as à luz dos ensinamentos de Jesus (cf. IL 118-119).

Há uma questão importante: o processo de discernimento é incompatível com a pastoral de massa. Os grandes eventos destinados à juventude podem ser atrativos, mas não são capazes de oferecer elementos de interação entre o jovem e a comunidade cristã, e seria muita ingenuidade acreditar que esse jovem, apenas escutando aquilo que as lideranças pregam nos grandes eventos, será capaz de um discernimento de sua realidade juvenil.

Voltaremos nesse ponto adiante, quando abordarmos a Exortação *Christus Vivit*. Mas o processo sinodal aponta, desde o princípio, para o reconhecimento da diversidade juvenil como um valor. O jovem o é em seu contexto, e isso deve ser valorizado. E como cada contexto é distinto, a pastoral juvenil deve respeitar as diferenças e a pluralidade de modos de ser juvenil. Essa perspectiva esteve presente no conteúdo, mas também nas questões que deram origem ao texto de trabalho e que foram respondidas pelos jovens e pelas comunidades locais.

### **Sintetizando e apontando horizontes**

- O 1,8 bilhão de jovens existentes no mundo nos leva a entender que um quarto da humanidade é formada de jovens. Eles representam parte